

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESEFID - ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA
MARCO AURÉLIO CHAGAS PINTO JUNIOR

**Corpo Transeunte: oscilação performática mapeando a cena Ballroom
brasileira.**

Porto Alegre, 12/2019

Marco Aurélio Chagas Pinto Junior

CORPO TRANSEUNTE

Oscilação performática mapeando a cena Ballroom brasileira.

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado à Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, como parte das
exigências para obtenção do título de
licenciado em Dança.

BANCA EXAMINADORA

Xxxxxx

Xxxxxxx

Flavia Valle

RESUMO

O trabalho aborda diversas performathividades que já vêm sendo construídas no corpo-voz do pesquisador, desde seu início de ciclo terreno. Surgem assim questionamentos sobre quais interpretações se podem ter a respeito das múltiplas representações de gênero, tendo a dança como fio condutor. Buscou-se, a partir de participações em eventos da Cultura *Ballroom* no ano de 2019 em seis cidades do Brasil, mapear um funcionamento dessa cultura, através da participação efethiva nos eventos. Foram percorridos os seguintes eventos e cidades: Galpão da Cena, em Fortaleza; BH Vogue Fever 2019, em Belo Horizonte; Kiki Ball Só Para Baixinhos, em Porto Alegre, MDA Summer Class, em Veranópolis; Mini Ball Master of Collors, No hay armário, em Florianópolis; e a Kiki Ball Afrodiaspórica, em novembro em São Paulo. Como observador/participante, investigou-se a partir das vivências nas oficinas, rodas de conversa, batalhas de *voguing*, encontros e conexões promovidos pelos eventos, que também geram novos dispositivos que retroalimentam uma corporeidade curvilínea, a qual brinca com suas antigas projeções de masculinidade estereotipada que enxerga o corpo do homem negro somente como objeto sexual. É um reacordo com a autoestima e com a busca de representathividade em prol do pertencimento a uma cultura que teve sua origem com o protagonismo de seus ancestrais. Como resultado, a pesquisa apresenta um aprofundamento das referências da Cultura *Ballroom*, sua organização e funcionamento.

Palavras Chave: performatividade, corpo transeunte, observação participante, ancestralidade, comunidade negra, LGBTQIA+, gênero.

Hashtag: *#voguingbrasil #culturaballroom #brasilidades #vidaspositivas #twister #kyrahkatryna #butchqueen #artedrag #twist #ballroomscene*

AGRADECIMENTOS

Ofereço este trabalho ao meu falecido Tio Jairo, obrigado por ter me ensinado que é possível viver dignamente mesmo sendo soropositivo em uma sociedade hipócrita e preconceituosa. E por me mostrar o quão importante é ser solidário com nossa família.

Minha Mãe Berenice, que me acompanhou e incentivou para seguir lutando por meus sonhos dia após dia com amor no coração e muita fé. Espelho-me em ti Rainha!

Aos mestres que fizeram com que eu continuasse apaixonado pela arte do movimento

Grupo de Samba, Afro e Jazz Ylú Ayê

Fundação Cultural de Canoas

Axé Bárbara e Bianca Pereira! Vocês me fizeram respeitar as religiões de matriz Africana e contribuíram na minha formação como cidadão e dançarino sem ver necessidade de negar minha Negritude!

Gratidão Cristina Pereira por ter dado continuidade nas proposições de Dança do Colégio Marechal Rondon. Valeu Grupo D2!

Mickael Ramos e William Freitas por terem me apresentado o mundo das Danças Urbanas e Contemporânea! Fran Manson e Márcio Alves por me auxiliarem na pesquisa em Voguing e Waacking.

Salve Grupo Art & Dança Espaço Cultural!

Carla Vendramim por ter me acolhido com a grande família do Diversos Corpos Dançantes. Serei eternamente grato a vocês, através de nossos encontros pude perceber que não existe corpo falho e sim pensamentos vazios.

Luciana Paludo pela aprendizagem e parceria com as inquietações do Mímese Cia de Dança-coisa! Reencontrei minha poética pelo suor que escorria dos poros em cada segunda-feira de 2016, na nossa sala 209 que, infelizmente, segue fechada na Usina do Gasômetro.

A grande Cibele Sastre e DESC – Dança Educação somática e criação, por me fazer acessar uma percepção corporal que era até então desconhecida. Aprendi a controlar meus impulsos e exageros que só me lesionaram anteriormente.

Letícia Paranhos, Luka Ibarra e Driko Oliveira que me receberam de braços abertos para nossa família Espaço N, minha segunda casa que foi e é local de formação como bailarino, dançarino e docente. Eu amo vocês!

Aos meus educandos, tanto os atuais quanto os antigos que me ensinaram a ressignificar a palavra humano. Escola Aberta, Mais Educação, Centro de Referência e Assistência Social, Casa das Juventudes, Associação Santa Bárbara, Academia Mudança, 7&8 Studio de Dança, Fundação Fé e Alegria do Brasil.

Aos amigos que fiz na casa do Estudante CEU-UFRGS por acompanharem minha trajetória artística, em especial Janine Rosa, Diego Oliveira, Iara Diez, Andy Marques e Eduardo Thomazoni. Sou fã dessas Guerreiras!

Ao irmão que conheci em Fortaleza, ou seja, Rubéns Lopes por ter me resgatado na aventura da mobilidade acadêmica na UFC. Voa Pretin!

Ao coletivo de pessoas admiráveis que estiveram comigo no Coletivo Bixas Pretas que são Danielle Costa, Sasha La'Crey, Kauê Sant'Anna, Ana Paula Reis, Max Leidemer, Flávio Moreira, Mariana Amaral, Gabriel Ferreira e Adryel Cardoso.

E a minha outra família que me ensinou a voltar a acreditar no meu potencial de difusor da dança Voguing no estado. Meus filhos da Kiki Casa de Lanceira.

SUMÁRIO

Inquietatrodução	7
1 Mapeamento cultura Ballroom Brasil: vivências	10
1.1 Animalia Ball (Metamorfose)	12
1.2 Vogue Old Way com Félix Pimenta	14
1.3 Icon Sinia Alaia Braxton	17
1.4 Archie Brunnet Ninja One and Only	19
1.5 Animalia Ball BH Vogue Fever 2019	21
1.6 Realness with a Twist: Lagarta/Borboleta (metamorfose)	23
1.7 Corpo Transeunte: BUTCH QUEEN V.S TWISTER.....	26
2 Kiki House of Lanceira	29
CONCLUSÕES OU... Oscilação performática em cena: corpo transeunte e conexões	34
Referências	39

INQUIETATRODUÇÃO

Perceber o tamanho do mundo e o quanto somos pequenos diante disso tudo

O que não significa dizer que somos impotentes, e

Sim capazes de erguer e sermos [re]erguidos por nossos semelhantes

Interjeição como novo dialeto entreaberto no futuro do pretérito

Eu interpreto

Mas eles só enxergam Inter/Preto

Chamando-me de papel cara a cara

Alegando que minha pele é desbotada

Abro mão de ser conivente com um discurso injusto

Que auxilia no preconceito e considera nosso sangue sujo

Nenhuma sentença de morte

Apenas virada de vida

Kyrah Katrina

Spin, Spin & Dip

Nossa paleta também forma o arco-íris

B@hvalha!

Nada de poder vinculado ao jogo

São conexões que se instauram para além de um vôo.

Este trabalho de conclusão de Curso tem por objetivo dar visibilidade à Cultura Ballroom. É constituído de dois capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre a Cultura Ballroom, desde a minha perspectiva, evidenciando as razões que me levaram a pesquisar sobre esse assunto.

No segundo capítulo é contada a história do nascimento da Casa de Lanceira, Kiki House, da qual sou Father. Busquei, no decorrer da escrita fazer um mapeamento das Balls, das regiões Sul, Sudeste – evidenciando dados vividos por mim, também na Região Nordeste, do tempo em que estive na Mobilidade Nacional Santander Andifes, no Bacharelado da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, CE.

Durante o trabalho de pesquisa busco abordar diversas *performathividades* que já vêm sendo construídas no que reconheço por ser meu corpo-voz, desde meu início de ciclo terreno. Sobre a grafia da palavra performatividade, é referente à sigla HIV; reafirmo a importância da valoração da vida de pessoas soropositivas. E assim procedi com outras palavras, a citar: *efethiva*, *disposithivos*, *representathividade*

Surgem assim questionamentos sobre quais interpretações a respeito de representações de gênero, tendo a dança voguing como fio condutor. No percurso da pesquisa busco, a partir de participações em eventos da Cultura *Ballroom* no ano de 2019 em seis cidades do Brasil, mapear um funcionamento dessa cultura, através da participação *efethiva* nos eventos. Percorri os seguintes eventos e cidades: Galpão da Cena, em Fortaleza; BH Vogue Fever 2019, em Belo Horizonte; Kiki Ball Só Para Baixinhos, em Porto Alegre, MDA Summer Class, em Veranópolis; Mini Ball No hay armário, em Florianópolis; e a Kiki Ball Afrodiaspórica, em novembro em São Paulo.

Como observador/participante me servi das vivências nas oficinas, rodas de conversa, batalhas de *voguing*, encontros e conexões promovidos pelos eventos e das experiências com as performances que fiz. Isso tudo gerou novos *disposithivos* que retroalimentaram uma corporeidade curvilínea, a qual brinca com suas antigas projeções de masculinidade estereotipada que enxerga o corpo do homem negro somente como objeto sexual. É um reacordo com a autoestima e com a busca de *representathividade* em prol do pertencimento a uma cultura que teve sua origem com o protagonismo de seus ancestrais. Como resultado, a pesquisa apresenta um aprofundamento das referências da Cultura *Ballroom*, sua organização e funcionamento.

Sendo assim, reconheço essa pesquisa como um relato de experiência, na qual visio distribuir essas informações para colaborar com a história da dança Vogue e a inserção da Cultura Ballroom em Porto Alegre. Muito disso, das primeiras motivações, se deu para compreender o meu lugar nessa cultura.

Convido vocês a retomarem suas memórias de infância periféricas em que já testemunhávamos um ato de Quilombagem como entretenimento. Na consolidação de um picadeiro itinerante que trazia alegria e, conseqüentemente, retorno à comunidade.

1. MAPEAMENTO CULTURA BALLROOM BRASIL: VIVÊNCIAS

Este capítulo tem por objetivo discorrer sobre a Cultura Ballroom, desde a minha perspectiva, como participante de eventos que congregam praticantes dessa cultura, a partir do ano de 2017. A Cultura Ballroom sempre me instigou a dançar e a pesquisar; a querer falar mais sobre esse assunto, dentro do ambiente acadêmico.

Início este capítulo escrevendo sobre um evento ocorrido em Belo Horizonte, entre os dias 12 e 14 de setembro de 2019. Nesse evento tive a experiência de me aproximar mais da Cena da Cultura Ballroom Brasileira participando de Workshops, Roda de Conversa e da Animalia Ball. Depois de narrar sobre esse evento, trarei outras informações que me constituem, as quais considero fundamentais para a compreensão da referida cultura.

Bem, vamos por partes, para não haver complicações no que diz respeito à Cultura Ballroom. Inicialmente, teve seu início ao final da década de 1960 e início da década de 1970 no Harlem/EUA. As pessoas Negras e Latinas viram a necessidade de também exercer seu papel de protagonistas, dentro da comunidade de baixa renda. A Cultura Ballroom foi um modo de essas pessoas exercerem seus protagonismos.

O início da Cultura Ballroom era constituído por Categorias de Estética, ou seja, as categorias de dança vieram anos depois a fazer parte da programação de uma Ball. A Cultura de Bola representa, inevitavelmente, o mesmo formato de organicidade das demais Culturas de matriz Africana, deste modo, presenciamos o zelo pela roda como metodologia de trocas e compartilhamentos em contato direto com a Oralidade que se assemelha a Oralitura esmiuçada e apresentada por Leda Martins que afirma:

“A memória, inscrita pela grafia da letra escrita, articula-se assim ao campo e processo de visão mapeada pelo olhar, apreendido como janela de conhecimento” (MARTINS, 2003, p. 63).

A Ball era o local e, conseqüentemente, momento de disputa que ao longo das batalhas definia quem ganharia o troféu neste contexto o Grand Prize.

“Pessoas LGBTQIA+ moram no mesmo lugar e decidem competir entre elas” (Paris is burning, 1990).

É impossível falar sobre a Ballroom sem enaltecer as Femme Queens, que nada mais são do que as figuras maternas que originaram todo este movimento, Mulheres Transexuais e Travestis. Estas Rainhas por diversas vezes acolheram homens e mulheres homossexuais que foram abandonadas pela família ou que nem sequer tiveram a oportunidade de conhecê-la. Gays que descobriram o HIV e pessoas que viviam em penitenciárias são outros sujeitos que simbolizam a resiliência deste público. Também houve um significativo acolhimento por parte das Drag Queens. La Beija foi uma figura importante no pontapé inicial da Cultura Ballroom, pois estava cansado da exclusão mediante o racismo que vivenciava nos concursos Drag que enxergavam apenas a estética branca como plausível no meio LGBTQ. Entretanto, é válido lembrar que as pessoas precursoras deste movimento eram negras, latinas e periféricas.

No Brasil, houve algumas inversões sobre a história da Cultura Ballroom, pois, tivemos acesso primeiro à dança Voguing antes de tomar conhecimento das demais categorias que aprimoravam uma Ball. E até o Voguing chegar ao Brasil, digo aqui em específica região Sul, as pessoas que faziam parte da cena das Urbanas tiveram contato primeiramente com o Waacking nos festivais de dança. Nos anos seguintes nos foram apresentadas as diferenças entre as danças e qual o protagonismo que se visava na Cultura de Bola tanto em participação nas categorias de uma Ball como também assumir uma posição de professor de Voguing, fator este que exemplificava diretamente a ligação com a comunidade LGBTQIA+.

Com o avanço da Internet, o Youtube foi responsável pelos estudos autodidatas de certos profissionais da área da dança para estudar Voguing. A partir de 2008 começou a ter aulas da técnica no Rio Grande do Sul, por intermédio dos festivais de Dança em diversos Municípios como São Leopoldo, Porto Alegre, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Canoas entre outras. Como os pesquisadores utilizavam das mídias para isso, é compreensível aceitar que nem todas as pessoas no país tinham total acesso a rede como se tem nos dias de hoje; logo, percebe-se que todas as regiões tiveram pessoas que se predispuseram a fomentar a Cultura.

O BH Vogue Fever é o maior evento da Cultura Ballroom na América Latina e foi o primeiro realizado no Brasil com devidas estruturas que constituem uma verdadeira Ball. Além da Ball, a programação conta com aulas da dança Voguing e neste ano contou também com aula de Chant com Omari Mizhari e roda de conversa com profissionais nacionais e internacionais da Cena, contribuindo para o aumento desta rede no continente e fora dele.

A partir daí, para que todas as pessoas da comunidade LGBTQIA+ (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexo/não binária, assexual entre outras) pudessem competir entre si, instaurou-se um aumento significativo no número de categorias nas noites de Baile. Vejamos o que Pepper Labeija diz, sobre as Balls:

“Os bailes são mais ou menos como nossa fantasia de ser famosos” (LABEIJIA, 1990).

Nesse sentido, acrescenta:

“Sabe, como os Oscars, algo assim, ou estar numa turnê como modelo” (LABEIJIA, 1990).

Pepper Labeija. Paris is burning, 1990.

1.1 Animalia Ball (Metamorfose)

Neste subcapítulo narrarei a minha experiência no evento que mencionei acima, para que, a partir dessa narrativa, eu possa expor o funcionamento da Ball e de como recebi as aulas, roda de conversa e minha estréia como Twister

ao entrar na categoria Realness With A Twist, performatividade que oscila do realness que seria a atitude masculina em contraponto com a performance em dança Vogue Femme que acaba por brincar com as projeções de binariedade presentes na sociedade. No mundo gay diria uma versatilidade corpórea, para a heteronormatividade seria pagar de macho e desmunhecar na sequência.

Na quinta-feira, dia 12 de Setembro deste ano, no primeiro horário após o credenciamento, mais precisamente às nove horas da manhã, tivemos uma preparação de condicionamento físico que englobava circuito funcional, mat pilates e cinesiologia com a professora e educadora física Glauciana Ribeiro.



Glauciana Ribeiro, Preparadora Física.

Glauciana nos apresentou alternativas de exercícios específicos para melhoria da nossa performance para a dança Vogue. Consegui perceber diferença na minha respiração e mais força nos membros inferiores, principalmente nas coxas com os agachamentos laterais com os pés paralelos que auxiliaram na execução do DuckWalk (passo básico agachado com pequenos saltos alternando a transferência de peso dos pés), por exemplo.



Lucas Carvalho Harpya na Kiki Ball só para baixinhxs, em DuckWalk – Esefid, 2019.

A concentração da energia no centro do corpo me fez compreender com maior facilidade e menos esforço a finalização do Dip (mergulho) no chão. Deste modo, passei a arquear as costas sem sentir dor ao fim da performance.

1. 2 Vogue Old Way com Félix Pimenta

A participação neste evento começou a me apontar evidências e informações sobre dados históricos do meu objeto de pesquisa. Tive a oportunidade de conhecer uma das pessoas responsáveis pela inserção da Cultura Ballroom no Brasil, e este vêm sendo o papel desempenhado por Félix Pimenta, que é considerado Father da House of Zion Chapter Brasil em São Paulo¹.

Nessa aula, começamos fazendo exercícios de coordenação motora, com prática de Alinhamentos e algumas dinâmicas de movimentos envolvendo

¹ Félix Pimenta é artista visual, dançarino, Pioneiro da Cena da Cultura Ballroom no Brasil, Father da House of Zion Chapter Brasil e integrante do Coletivo Amem. Permite com apoio do Coletivo a continuidade da Kiki Ball Afrodiaspórica no calendário Ballroom São Paulo em todo mês de novembro, visando propiciar a comunidade negra maior visibilidade com categorias que trazem proximidade da diáspora brasileira com as realidades da população negra LGBTQIA+.

torções e oscilações dos níveis altos e baixos. Pimenta solicitou que fizéssemos deslocamentos pensando em figuras geométricas e egípcias envolvendo os braços sem a necessidade de ir ao chão ou utilizar torções, somente avançar pensando nas figuras dos hieróglifos, característico da dança Old Way também conhecido como Pop, Dip & Spin. Éramos divididos em fileiras de dez pessoas para os procedimentos de diagonal, ao lado direito e esquerdo com Catwalk e retrocedendo por ambos os lados para retomar a posição inicial para a práxis seguinte.

Félix por diversas vezes comentava que para quem tinha interesse em batalhar era importante evitar ficar de costas para o adversário, por tal motivo enfatizou as ações de avançar e recuar em estado de defesa e ataque. Sinalizou que outras finalizações de pose desenvolvidas no Old Way² como Kansai³, entre outras, também podem ser consideradas como uma forma de Dip⁴ na linha do Vogue.

Félix vincula sua pesquisa em Vogue com uma perspectiva afrodiaspórica trazendo em sua bagagem de dança afro brasileira e legitimando as diversas culturas de matriz africana presentes no país. Quando propôs uma movimentação de ataque nos pediu que encontrássemos uma performatividade como Orixás guerreiros sem a necessidade de atribuímos toda nossa corporeidade a lutas de artes marciais, impreterivelmente. Ao experimentar esse corpo guerreiro que mora em mim, pude revisitar minha ancestralidade, lembrando minha prática de dança Afra que aprendi com o Grupo Ylú Ayê que certa me trouxe a imagem de Bará (Exú) e ao mesmo tempo me reaproximar das batalhas de Hip Hop Freestyle que participava no Festival do Colégio Rondon.

Tivemos como tarefa deslocar-se pelo espaço apenas realizando a performance pelo chão, tentando manter o nível baixo e a linha do Old Way na

² Old Way – Primeira prática da Dança Voguing a ocupar espaços de categoria que enaltece a dança e a improvisação. O Pop seria a personalidade dos movimentos básicos, o Dip as finalizações e Spin os giros realizados ao longo de batalhas ou pela conquista dos 10's.

³ Kansai – Forma de Dip recorrente na linha Old Way

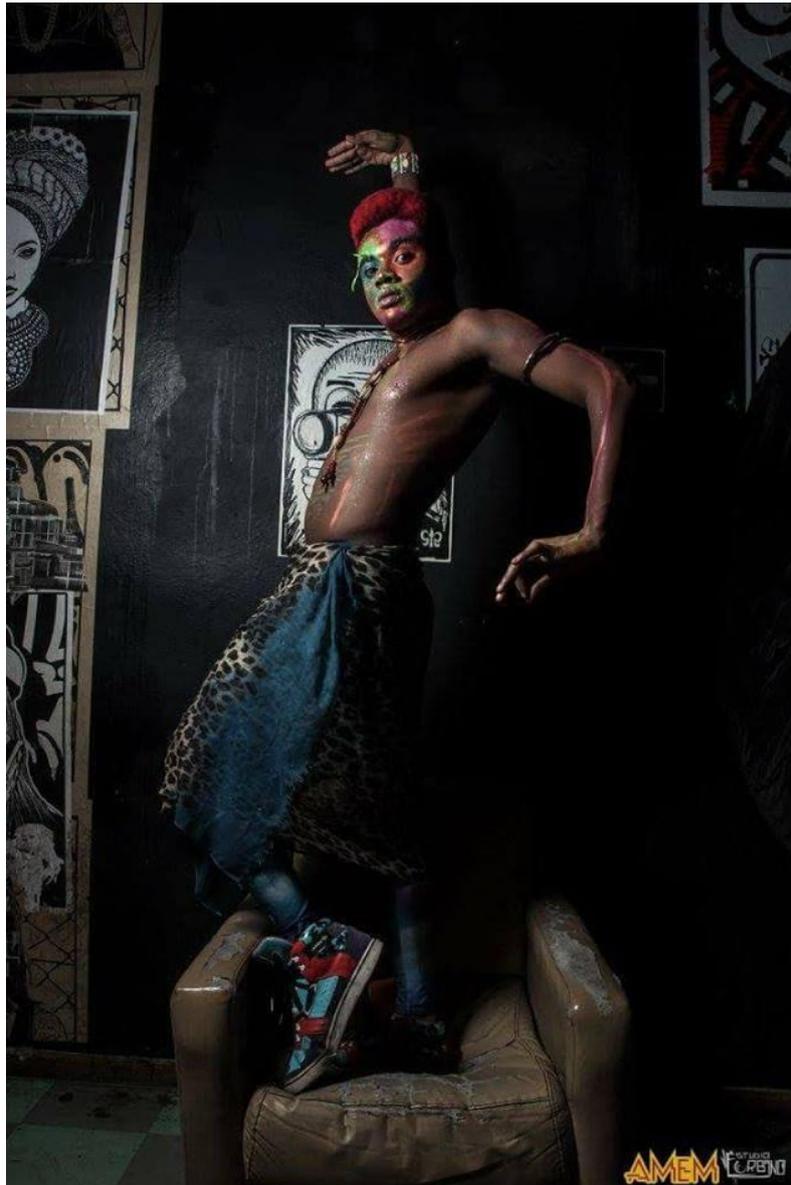
⁴ Dip – Mergulho ou finalização de pose

dança. Experimentos de transferência de peso com novas possibilidades de Dips foram instaurados naturalmente ao longo desta prática. Também nos foi solicitado pensar em novas formas e figuras com os braços pensando em referências geométricas e egípcias mantendo o foco na lateralidade nas movimentações enquanto avançávamos.

Por último e não menos importante, o proponente nos organizou em duplas pensando na proposição Afrodiaspórica de Guerreiras e Guerreiros. Na sequência organizamos um corredor ao estilo Soul Train⁵ onde cada momento uma dupla apresentava um momento de batalha pesquisando tal corporeidade – na improvisação também conhecida como Chave ou Locking, que seria o clímax do embate em que geralmente acaba resultando em um entrosamento da dupla que está em combate. Devido ao limite de tempo do Workshop não foi possível vermos todas as duplas desenvolvendo tais pesquisas no corredor.

Questionei o professor sobre a Cena da Cultura Ballroom no Brasil, no que diz respeito à formação de novas Kiki Houses (pequenas casas) pelo país. Queria saber se haveria necessidade de o Father ou a Mother fazer parte de uma House Mainstream para só depois pensar em constituir sua própria Kiki House, ou se tinha dentro da Cultura alguma exigência como alguém já ter obtido Grand Prize em determinada Ball. O Professor e Jurado disse que não, porém, enfatizou a importância de uma nova House pensar em preocupar-se com questões referentes à comunidade Negra e LGBTQIA+, saúde da população Trans, prevenção de IST e debate sobre todas as IST, em específico o HIV e a Sorofobia. Salientou que a House é quem deve tomar as decisões de forma conjunta como uma verdadeira família.

⁵ Soul Train – programa de TV musical apresentado nos estados unidos na década de 70.



Na foto, Félix Pimenta Zion.

1.3 Icon Sinia Alaia Braxton

Vogue Femme – Hands Performance e Improvisação de Chant

Sinia é uma das principais referências de Vogue Femme⁶ e faz parte da House of Ebony⁷. Tivemos com ela prática de Hands Performance, refere-se aos e movimentos e ilusões criadas pelos braços, pulsos, mãos e dedos, ao som de diversos gêneros musicais como Funk Carioca, R&B e Samba, por exemplo. No primeiro dia, Sinia nos organizou em fileiras de 10 pessoas para que executássemos as movimentações que ela trazia consigo. Já no segundo dia, fizemos uma grande roda de improvisação de Hands, na qual, a cada 10 segundos, uma pessoa improvisava e jogava a proposta para quem estivesse à sua esquerda na roda.

É importante lembrar que exercitamos a prática do voguing femme com a improvisação de Chant que Sinia fez no microfone durante um intervalo de tempo da aula. Chant seria a interação que o Commentator faz junto da performance de algum voguer que está no centro do público. Essa investigação já nos serviu como preparação para futuras batalhas.

Antes de dar seguimento às demais atividades desenvolvidas no evento, tanto aulas quanto a Animalia Ball, é necessário explicar o que significa os termos Icon e Legendary. Existe certa hierarquia dentro da Cultura Ballroom que vai para além de títulos, e sim, assumindo determinadas responsabilidades. Vejamos o que Iconic Stanley Milan nos diz disso, em uma entrevista na Revista Them⁸:

Uma **estrela** é apenas alguém que tem andado sua categoria por talvez um a três anos. Eles são novos no salão de baile e eles estão apenas chamando a atenção para si mesmo no chão. Em seguida, ele vai para a **declaração**, que é alguém que provavelmente ganhou um "Do Ano" [prêmio] para a categoria uma ou duas vezes e estão construindo um bom impulso em sua categoria. Com **lendas**, são dez anos ou mais; você ganhou "Do Ano" várias vezes e você é provavelmente um dos dez principais candidatos para a sua categoria. Depois, há **ícone**,

⁶ Vogue Femme – Linha de Vogue que esbanja feminilidade criada pelas Femmes Queens, Mulheres Trans e Travestis

⁷ House of Ebony é uma das Houses mais antigas da cena Ballroom situada em New York/EUA. Recentemente foi mencionada no último episódio do seriado Pose que pertence a programação da FOX.

⁸ Link: <https://www.them.us/story/how-to-be-a-ballroom-icon-or-legend>

que é como 20 anos, mas você fez mais do que apenas coisas em sua categoria (Iconic Stanley Milan, 2018).

Sobre as batalhas, e neste mesmo sentido, **Legendary Twiggy Pucci Garcon** nos diz:

Quando me coloco em uma situação de batalha, independentemente da categoria que irei desfilar ou dançar, reflito como o Marco pode ser melhor que o de dois segundos atrás, e não tenho uma perspectiva de superioridade para me comparar com o adversário, por conseguinte estamos no mesmo barco da bandeira arco íris e só cabe a nós brilharmos juntos.

Quando você sai para competir, você precisa olhar e ser uma das melhores pessoas no chão. Eu sinto que está além da concorrência e realmente sobre como você representa a si mesmo e na cena. **Legendary Twiggy Pucci Garcon (Revista Them, material It Takes More Than A Good To be Ballroom Icon or Legend, 2018)**

1.4 Archie Brunnet Ninja One and Only

Neste subcapítulo irei discorrer sobre Archie Burnnet Ninja, que é Father da Iconic House of Ninja situada em Nova Iorque, EUA. Sobre a aula que pude fazer com ele, comentarei a condução, especialmente porque também estou observando a atuação dessas pessoas como docentes. O professor nos conduziu, em sua primeira aula, a partir dos diferentes fazeres de uma caminhada, com suas variadas pausas – o que permitiu um melhor discernimento sobre como desfilar na categoria Runway⁹, por exemplo. Todavia, pode-se também notar a real diferença de Runway se comparado a Best Dressed¹⁰. Archie (2019) dizia: “Vocês estão fazendo isso para a câmera e não para o ego de vocês” (informação verbal que anotei no caderno de bordo)

⁹ Runway - categoria que destaca como habilidade improvisar com caminhadas e desfiles pela pista

¹⁰ Best Dressed – categoria que coloca em ênfase a vestimenta e o quanto ela fica interessante no corpo do performer ao ponto de transmitir ao espectador o desejo de comprar cada peça de roupa utilizada.

Então, durante a aula, passamos pelas caminhadas American, European e Swag/Brazil/Favela. American tem como característica a contralateralidade¹¹ presente no caminhar acompanhado da oposição dos membros superiores e inferiores. European já seria um pouco mais despojada com os braços para trás e quadril com *mais atitude*. Gosto da imagem que costumo dizer nas minhas aulas imagine que suas costas, ombros e escápulas são um cabide e seus braços a roupa que o veste.

Sobre a caminhada Swag/Brazil/Favela seria o que se aproxima de Realness¹² presente em suas ruas marginalizadas; a atitude supera uma tentativa de estado corporal, já o somos por si só. Brincamos também com o Realness Masculino e Feminino em colisão com o Twist que seria a transição de um para outro. O realness diz respeito à atitude do gênero masculino ou feminino, o Twist (transição) não necessita de uma ordem para começo ou término numa batalha. Originalmente o realness era uma alternativa de mostrar uma realidade que a pessoa negra vislumbrava como ser executivo de uma renomada empresa.

Referência para Runway – Archie Burnett repetia quantas vezes fosse necessário: “Eu preciso ficar com vontade de comprar esta roupa que vocês estão vendendo e não seus corpos!” (Archie, 2019).

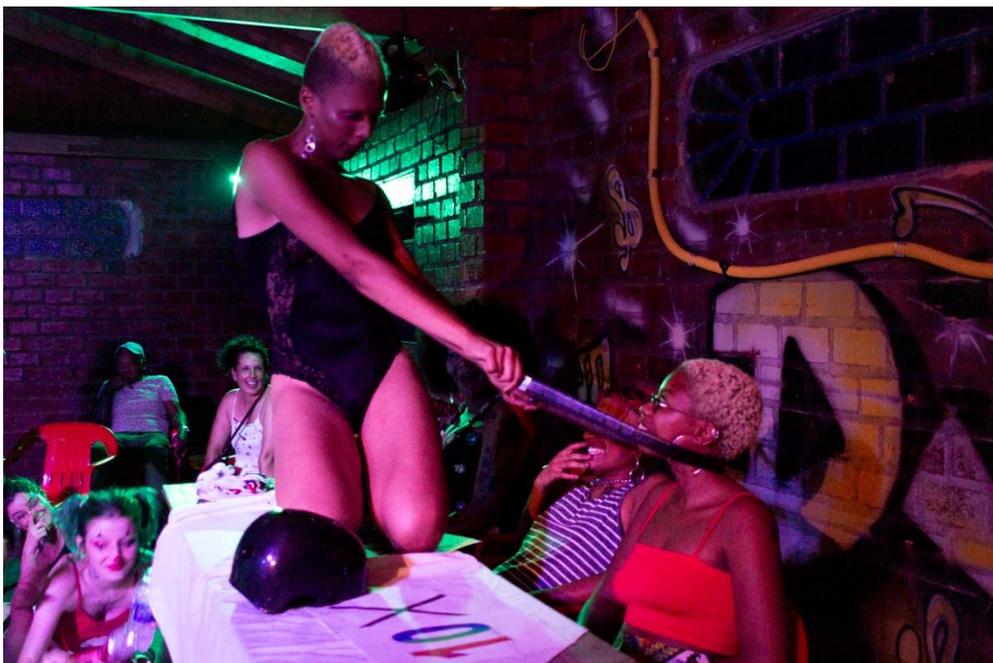
¹¹ Contralateralidade – Capacidade de moldar o corpo conforme suas oposições presentes nos membros superiores e inferiores

¹² Realness – Categoria que apresenta uma realidade cotidiana de acordo com o tema divulgado na Ball.



Na foto, Mother Linceira Mari Basiquinha em Runway na Kiki Ball só para baixinhxs. Registro Alicia Alivio.

Referência para Best Dressed, categoria que valora em primeiro lugar a vestimenta e não o corpo e seu possível imaginário como é presente na categoria Sex Siren. Por mais que haja roupas que deixam o corpo sexy, é preciso dosar o que realmente é solicitado em cada categoria. Em Sex Sirens a intenção diz mais que um corporal e é muito fácil cair na apelação tocando jurados, público ou até mesmo dançando. Tanto Best Dressed quanto Sex Sirens a dança não é bem recebida na batalha.



Na foto Mother Faya Caliça momentos antes de pegar o seu Grand Prize em Sex Siren. Registro de Lau Baldo



Na foto, Diogo Sorceress Grand Prize Kiki Ball só para baixinhxs, organizada pelo Kiki House of Harpya. Foto de Alicia Alivio.



Archie Burnnet Ninja.

1.5 Animalia Ball BH Vogue Fever 2019

Foi à primeira vez na história de minha vida dançante em que presenciei um júri completamente negro. Eu nunca vou esquecer este dia e da representatividade que isso implicará no meu fazer artístico daqui por diante.



Na foto, Félix Pimenta, Omari Wiles, Nickary Aycker, Archie Burnett e Sinia Braxton.

Depois de ter vivido a experiência de Batalhar como Kyrah Katrina que é minha Drag Queen, no MDA Summer Class em Veranópolis, no mês de

Fevereiro, percebi que minha habilidade em uma batalha de Vogue Performance é de fato defendendo a linha do Vogue Femme, pude concluir que Kyrah não era uma simples Butch Queen e sim Butch Queen Open Drag.

Butch Queen – homens afeminados que performam vogue femme

Butch Queen Up in Pumps – homens afeminados que performam utilizando salto alto

Butch Queen Open Drag – Drag Queen que performa em Vogue Femme

Na Kiki Ball No Ay Armário, organizada pela House of Sorceress em Florianópolis consegui encontrar meu eu Butch Queen. Contudo, no BH Vogue Fever 2019 aprendi a usar meu realness masculino (estética) e minha experiência em vogue femme (dança) como Twister me aventurando na categoria Realness With a Twist.



Categoria Realness With a Twist, Marco Chagas (em dip), foto de Bruna Brandão.

A partir do momento em que efetivei minha inscrição para participar do Evento BH Vogue Fever 2019, passei a acessar o site do evento¹³; ali, o conceito da categoria Realness With a Twist me chamou a atenção. A seguir, cito o texto que traz a descrição da temática da Animalia Ball e, que, em

¹³ <https://www.bhvoguefever.com/>

seguida, descreve a categoria que me identifiquei, qual seja, a Realness With a Twist:

O Brasil possui em seu território a maior biodiversidade em fauna e flora do mundo. Nosso país é dono de uma das maiores reservas de água doce do planeta, além de ter um terço de todas as florestas tropicais existentes. Os vários biomas e climas encontrados no nosso vasto território permitem que milhares de espécies convivam em grande harmonia. Ao mesmo tempo, apresentamos assustadores números de animais extintos ou em risco de extinção, principalmente ocasionadas pela intervenção humana de forma irresponsável.

Coincidência ou não, percebemos essa mesma violência com os corpos que fogem dos padrões sociais conservadores da espécie humana. Na Animalia Ball, não temos espaço para esse tipo de opressão e violência. Por aqui celebramos a vida, os corpos e liberdades em todas as suas formas! Vamos mostrar para o mundo a potência.

A seguir listarei três fatores/ regras que são importantes e estão presentes no site do evento para evitar futuro Chop, e o que seria o Chop? Estar inabilitado para competir em alguma categoria. Quando se está habilitado recebe-se os 10's que comprovam a aprovação do júri.

- Participantes de todas as categorias devem estar customizados de acordo com o tema de cada categoria. Aquelxs que estiverem com figurinos que não se enquadrem no tema da sua categoria, levarão chop.
- Não será aceito nem tolerado qualquer tipo de uso de pele, pêlos ou penas de animais verdadeiros. Use a criatividade para representar os animais de outras formas.
- Durante a performance não serão permitidos uso de materiais cortantes, inflamáveis, armas, fogo, água ou qualquer coisa que atrapalhe ou coloque em risco a sua performance e a das outras participantes. Quem der esse close errado, levará CHOP e será expulso da Ball.

1.6 Realness with a Twist: Lagarta/Borboleta (metamorfose)

Concorrer nesta categoria no BH Vogue Fever, para mim, foi permitir que eu subvertesse as masculinidades tóxicas que eram esperadas de mim. Isso diz respeito ao meu processo de maturação quando minhas amigas e amigos na adolescência demonstravam que me aceitavam com determinadas condições, por exemplo, em expressões: “aí Marco, tu é veado, mas, pelo

menos tem jeitinho de homem”, ou ainda, quando ouvia de ex-parceiros, “eu gosto de ti só dançando hip hop”. Portanto, sair do casulo implica desmistificar as projeções heteronormativas das ideias preconcebidas citadas acima. Essa performance, apresentada no BH Vogue Fever veio a compor uma cena de síntese no espetáculo B@hvalha, apresentado em Porto Alegre, na temporada de 10 e 11 de outubro, na Sala Álvaro Moreyra. Então, cito abaixo o texto do site do evento de Belo Horizonte, o qual deu a diretriz para a composição do solo:

São infinitas as espécies de borboletas no Brasil. Cada uma com cores e características mais incríveis que as outras. Mas uma coisa todas têm em comum: um dos ciclos de vida mais fantásticos do mundo! Assim como as mariposas, todas elas iniciam sua vida como lagartas (ou taturanas). Algumas venenosas, outras completamente inofensivas. Ao atingirem certa fase, tecem seus próprios casulos, onde ficam em total repouso por até um mês, se preparando para a nova fase que vão enfrentar: a metamorfose. Quando ficam 100% prontas para recomeçar, rompem as paredes e abrem as suas lindas asas em direção à liberdade.

Nesta categoria queremos ver a capacidade dxs participantes de fluir com naturalidade do realness masculino para o feminino no vogue fem. Os 10's são avaliados pela realness já acoplada na performance do vogue, e para os duelos é pra chegar quebrando tudo no vogue fem!¹⁴

Abaixo, uma foto de minha participação da Kiki Ball “No Hay Ármario!” da House of Sorceress em Florianópolis, na Categoria Butch Queen que seria Homem Afeminado dançando Vogue Femme, neste caso com a energia da movimentação Dramatics. Essa performance, nessa categoria, dialoga com as questões de gênero que explanei acima.

¹⁴ <https://www.bhvoguefever.com/ball>



Marco 007 na Kiki Ball Master of Colors organizada pela House of Sorceress, em Florianópolis.

Abaixo coloco uma foto tirada na Masterclass House of Xtravaganza, com Icon Father Jose Xtravaganza no Instituto Europeo di Design, em São Paulo - Capital. Com ele aprendi que o Voguing nada mais é do que uma narrativa constante. As linhas se definem a partir da prática; a dramaturgia surge a partir do que realmente somos, e não o que tentamos aparentar ser.



Icon Father Jose Xtravaganza e Marco 007

1.7 Corpo Transeunte: BUTCH QUEEN VS. TWISTER

A minha investigação como performer acarretou na descoberta do indivíduo Twister, que carrega a oscilação da realidade masculina em contraponto da corporeidade presenciada no Vogue Femme. O Twister é uma categoria que perpassa a estética (realness) e a dança (Vogue Femme). Tal pesquisa vem sendo realizada por mim desde 2017, época em que eu nem tinha conhecimento da categoria Twister.

Após a minha demissão de uma casa noturna no Bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, também em 2017, em que me via na necessidade de fazer performances com temática sensual, passei a pensar que não queria mais dançar para ser sexy para as pessoas, e sim, brincar com essa função que já me era imposta. Foi então que, intuitivamente, compus Dual para a programação da Boylesque, a convite do Bar Von Teese; coloco o link dessa performance que realizei, na nota de rodapé¹⁵.

Em 2018 surge Kyras Katrina¹⁶, minha Drag Queen que exerce tanto o papel de Lip sync performance, quanto dançando Vogue Femme em categorias como Butch Queen Open Drag. A figura de Kyras me fortalece por também ter referência da Pomba Gira, presentes em nosso mundo, que me aproximam mais uma vez de minha ancestralidade. Kyras teve sua estréia ao lado de sua Mãe Drag, Sasha LaCrey na Parada Livre de 2018. Abaixo, um registro desse momento.

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=3Nc7I-NISuk>

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=3VO-LxX8y5w>



Já, em sua primeira performance solo, no evento Masculinidades Negras¹⁷, notava-se as referências dos elementos cênicos como espumante, piteira e rosas vermelhas. Kyrarah carregava uma dramaturgia acerca do HIV/AIDS, sem a necessidade de uma dramatização da situação em si. Isso tornava, de certa forma, satírico a rotina de consumir o coquetel de medicamentos. Ou seja, Kyrarah transforma o drama, a vida em arte.

Em fevereiro de 2019, Kyrarah foi selecionada e participou da batalha de Vogue Performance do MDA Summer Class 2019. Nessa ocasião, também realizou Workshop de Vogue Femme com Legendary Monster LaBeija e Kimyah Prescott Ebony. Nessa experiência pude compreender que Kyrarah deveria desfilas e defender a categoria Butch Queen Open Drag e não apenas Vogue Performance, ou Vogue Femme OTA. Digo isso porque prefiro destinar o espaço do Vogue Femme para nossas Femme Queens, que são as pioneiras do movimento da Cultura Ballroom.

¹⁷ Link de reportagem do evento Masculinidades Negras: <https://estado.rs.gov.br/casa-de-cultura-apresenta-masculinidades-negras-na-danca>

Com esse capítulo tive por objetivo discorrer sobre a Cultura Ballroom, desde a minha perspectiva, como participante de eventos que congregam praticantes dessa cultura, no ano de 2019. Porém, percebo que esta cultura já estava em mim, em ações, em pensamentos e em realizações de performances, desde 2017. Mas, de maneira mais contundente, a partir de 2019 passei a experienciar a rotina de Voguers nas Balls. Sem esquecer da visibilidade negra dentro da Cultura Ballroom, enaltecendo a diversidade dentro da cena. Isso me remete à atitude de vida de Jorge Lafond, quando justifica seu desejo em criar uma autobiografia: “Quero viver nessa autobiografia uma coisa super bonita, uma coisa de momento. Eu quero falar de tudo, de todos” (LAFOND, 1999).

2 KIKI HOUSE OF LANCEIRA

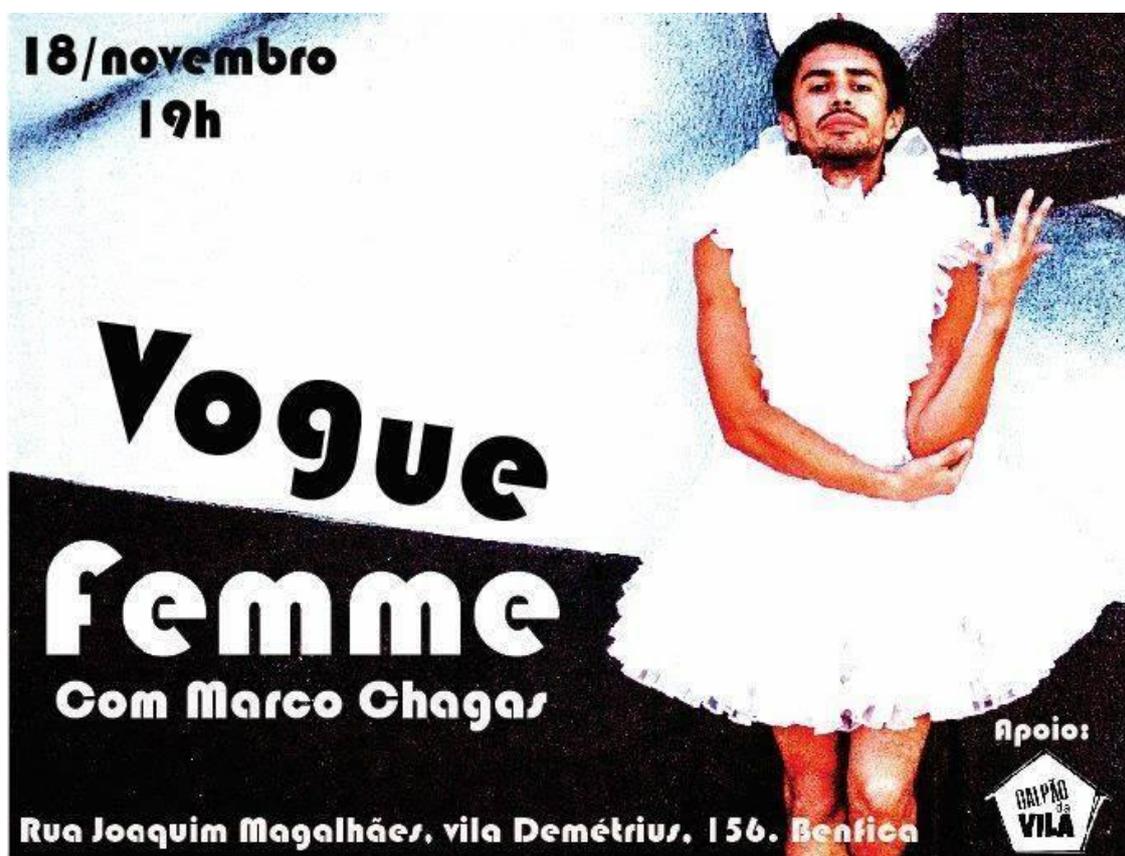
Neste capítulo contarei a trajetória do Marco Voguer 007 para o Marco Father da Casa de Lanceira. A Casa de Lanceira é uma Kiki House que se constituiu em 2019, pela urgência de realizar ações, dentro daquilo que acredito ser primordial, nas funções de uma casa, dentro da Cultura Ballroom. Essencialmente, o que nos moveu foi o reconhecimento de que somos uma família e não um grupo de dança.

Em Agosto de 2018, após muita insistência de uma aluna, abri uma turma de Vogue na Escola de artes Espaço N, um dos locais de minha formação em dança em que comecei como bolsista; mais tarde atuei como professor substituto e por fim assumi como professor titular das vertentes Street Jazz, Stiletto/Heels e Vogue. Essas linguagens a que me refiro acima são lidas como corporeidades afeminadas e por tal motivo durante muitos anos foram deslegitimadas através do machismo e LGBTQIA+fobia presente na Cultura Hip Hop e neste contexto da região Sul, Danças Urbanas. Acrescento isso porque é nítido o protagonismo de homens brancos cisgêneros heterossexuais na cena do Sul, invisibilizando as minorias que representam a origem da história da Cultura Ballroom. O Espaço N situa-se na Cidade Baixa em Porto Alegre. E foi lá que retomei meus estudos sobre Cultura Ballroom e dança Voguing, após minha volta a Porto Alegre, visto que estava em mobilidade acadêmica pelo programa Santander/andifes para cursar durante um semestre o curso de Bacharelado em Dança na Universidade Federal do Ceará.

É importante lembrar, também, que minha ida a Fortaleza foi crucial para meu reconhecimento como professor, pesquisador e proponente da Dança Voguing, pois participei de uma iniciativa do Galpão da Vila que foi a Ball Baile do Tigre que ainda não tinha uma configuração e que visava a sistematização de Houses e afins. Competi em uma categoria que nos dias de hoje se assemelharia a Runway e venci, junto com meu amigo Rubéns Lopes que é Cearense e pesquisador de danças Negras. O baile do Tigre ocorreu em Setembro de 2017. O Galpão da Vila fica em Benfica, na cidade de Fortaleza/CE e neste mesmo local pude oferecer um Workshop de Vogue Femme para a comunidade. A seguir, duas imagens do me refiro aqui.



Divulgação da Ball salto do Tigre – Fortaleza, Galpão da Vila, Benfica, 2017



Divulgação Workshop Vogue Femme, Fortaleza, 2017.

É evidente que naquela época ainda atuava como free agent ou 007, ou seja, pessoa que se autorepresenta sem vínculo direto com alguma House, tanto Kiki (pequena) quanto mainstream (reconhecida internacionalmente) –

mas o meu conhecimento sobre Vogue era buscado em mídias digitais, bem como em minhas práticas diárias de dança. Porém, quando cheguei no BH Vogue Fever, em 2019, compreendi que eu já tinha uma família e que o critério dela não foi uma escolha meritocrática e sim a multiplicidade de trocas baseada na oralidade que trago neste trabalho de conclusão, como escrituras. E, assim, me inspiro nas palavras de Sobonfu Somé, para quem esse conceito de grande família realmente ajuda muito. Ela lembra de quando era criança e podia escolher um pai diferente todos os dias, dependendo do seu humor; vejamos o complemento da citação:

Assim, se eu quisesse que um dos meus tios fosse meu pai naquele dia, concentrava toda minha atenção naquela pessoa e ignorava as outras. E ninguém tomava isso como ofensa pessoal; antes, consideravam isso como uma oportunidade para eu decidir o que queria. Essa prática também permite que um grande número de pessoas na aldeia conheça a criança e veja seu espírito (SOMÉ, 2003 p. 24).

Em se tratando de Brasil, e neste caso Rio grande do Sul é impossível não mencionar vários recortes de opressão de gênero, racismo, apagamento de pessoas não binárias e transgêneros, assim como, desigualdade social marcada pela falta de renda de pessoas periféricas, o que limita seus acessos a futuros conhecimentos. Em face de tudo isso, vi a necessidade de contextualizar inverdades que testemunhamos na escola, como a romantização da Revolução Farroupilha, que nada mais é do que um extermínio de nossos ancestrais - neste caso, os Lanceiros Negros. Então me pergunto: Quais pessoas são mais apagadas na sociedade senão as negras? Em respeito e honra a essa história e a esta realidade “batizamos” a Kiki House como Casa de Lanceira. Casa esta que não se limita a Porto Alegre, pois sua abrangência adentra outros municípios, como Canoas e Guaíba.

A Casa de Lanceira conta com father negro/indígena panssexual e mother negra panssexual e ambos são cisgêneros. Foi essa diversidade que trouxe a organicidade da configuração da Kiki House, já que não temos ainda uma representatividade transgênero. Mariana e eu assumimos uma responsabilidade dentro da Casa que seria acolher todos os filhas e demais pessoas marginalizadas dentro e fora da Cultura Ballroom e também priorizar

discutir sobre a visibilidade de pessoas negras, não binárias e transgêneros. Pautar o assunto de prevenção HIV/AIDS e dos riscos da naturalização da sorofobia e auxiliar a comunidade para a saúde da população TRANS.

Neste sentido, como Father, me sinto um Guardião destes assuntos. E de acordo com Sobunfu Somé “Os guardiães são pessoas que vivem no limite entre dois mundos – o mundo da aldeia e o mundo do espírito” (SOMÉ, p. 139, 2007). Sobonfu Somé explica princípios que me guiam, a seguir:

A maior parte das pessoas no Ocidente definem a si e aos outros pela orientação sexual. Essa forma de ver destruiria o espírito dos guardiães. Eles conseguem fazer seu trabalho por causa de sua forte conexão espiritual e habilidade de dirigir sua energia sexual não para outras pessoas, mas para o espírito (SOMÉ, p. 139, 2007).

Sobre o que percebo desse contexto, no Brasil e no Rio Grande do Sul, testemunhamos a Cultura Ballroom em gerações anteriores à nossa, sem esquecer figuras que permitiram / possibilitaram que nossas atividades sexuais e afetivas demonizadas ganhassem espaço, sem agressão, em via pública ou privada. Trago como exemplo Glória Crystal, figura importantíssima que representa o movimento negro LGBTQIA+ ao inaugurar a Casa Cine Theatro Ypiranga e propagar visibilidades da bandeira arco-íris como apresentadora e idealizadora da Parada Livre de Porto Alegre.

Em face disso, pensando e trabalhando em prol da difusão dessa Cultura, a Casa de Lanceira fará um evento, em dezembro de 2019, que contará com a programação de três dias. Neste evento serão realizados Cine-debate, Espetáculo B@hvalha e Picadeira Kiki Ball. Essa programação representa uma proposta de entretenimento vinculada à saúde coletiva, por estarmos no mês do Dezembro Vermelho, (mês de prevenção HIV/AIDS). Ainda neste evento há uma reivindicação de apagamentos a partir de diversas ações, como júri, Chant, Dj e Mestre de Cerimônia totalmente constituídos por pessoas negras. Enfatiza-se que as discussões estarão focadas na prevenção de HIV/AIDS e outras Ist's, bem como promoção da saúde de pessoas Trans e Travestis.

Com este capítulo contei a trajetória do surgimento da Casa de Lanceira, nossa Kiki House, a qual se constituiu em 2019. Reconheço que a casa começa a cumprir o seu papel social, atendendo demandas das comunidades periféricas de Porto Alegre e Canoas, em consonância às funções esperadas de uma Casa, dentro da Cultura Ballroom. Assumindo o papel de Casa e não somente um grupo de dança.

No link abaixo mostrarei a participação da Casa de Lanceira, conquistando o Prêmio Grand Prize, na categoria Baby Vogue, na Kiki Ball Só para Baixinhos, realizada na ESEFID – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, no dia 12 de outubro de 2019¹⁸.

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=L2nBzi75UVA>

CONCLUSÕES OU... OSCILAÇÕES PERFORMÁTICAS EM CENA: CORPO TRANSEUNTE E CONEXÕES

Ser artistx negrx de origem periférica é um desafio constante, principalmente quando se é LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bi, Travesti, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli, e mais.). Nós buscamos o reconhecimento não pelo status e sim sobrevivência, em meio ao embranquecido excludente. Inicialmente todos lidaram com situações de submissão, seja na sua dança marginalizada e, conseqüentemente, estudos históricos negligenciados ou em relacionamentos amorosos que eram guiados pelo abuso, objetificação ou romantização de um envolvimento pelo simples fato de o mesmo ser interracial. Ao percebermos o que tínhamos em comum, vimos necessidade de expressar isso com um trabalho de cunho estratégico e político. Cansamos de ser trocados pelos pares e não pares, de vermos nossa representatividade de amor afrocentrado apenas nas campanhas/outdoor de HIV/AIDS. Ver seriados e filmes que se dizem negros colocando sempre em pauta um protagonismo novamente branco. Isso nos atravessou de tal maneira que compreendemos que as outras linguagens de dança devem obter o mesmo respeito que as consideradas.

Trazer e discutir a Cultura Ballroom e a Linguagem Vogue neste Trabalho de Conclusão de Curso, de um Curso de Licenciatura em Dança, em que assumo a função de Father, professor de Vogue e coreógrafo mostra parte de nossa história, não a contada nas escolas. Mas a vivenciada em cada nicho individual no qual discernir que lutar por respeito e equidade também é resistir.

Quem nasceu nos anos noventa, ou antes, teve contato com um Universo televisivo muito racista e homofóbico, onde a figura de um homem negro homossexual afeminado era sinônimo de chacota. Embora Vera Verão, a personagem do programa “A Praça é nossa” interpretado por Jorge Lafond, fosse ridicularizada em rede nacional, aos sábados à noite, é impossível negar que obteve maior prestígio profissional que Lacreia, personagem de Marco Aurélio que obteve reconhecimento no país com o ápice do Funk Carioca, no contexto da era Furacão 2000. Qual era a diferença entre uma e outra? A trajetória das duas se divide na formação e oportunidades: enquanto Jorge

Laffond era um bailarino clássico e ator, além de circular pela elite do meio televisivo, Lacreia era fruto da cultura popular e favelada.

Mas voltando às referências citadas acima, lembremos do episódio em que Jorge Laffond passou pelo constrangimento de ser obrigado a se retirar do próprio programa que atuava por exigência do convidado da noite Padre Marcelo Rossi¹⁹. Tal humilhação fez com que o ator adoecesse, entrando em depressão e mais tarde descobrindo o HIV em sua vida.

Já Lacreia, veio a falecer de tuberculose e ocorreram boatos negados pela família de que Marco Aurélio também havia contraído o vírus. A expectativa de sorologia continua associada à raça negra. Susan Sontag aponta o porquê de este fato representar o próprio racismo na sociedade com a obra *AIDS E Suas Metáforas* quando diz:

A ideia de que as doenças que afligem a Europa vêm de fora faz parte da secular imagem da Europa como entidade cultural privilegiada. Pressupõe-se a Europa de direito, isenta de doenças. (E os europeus manifestam uma indiferença extraordinária em relação ao impacto devastador que eles próprios – como invasores, como colonizadores – tiveram sobre o mundo exótico e “primitivo”, introduzindo as doenças europeias; pensemos nos efeitos catastróficos da varíola, gripe e da cólera sobre as populações aborígenes das Américas e da Austrália) (SONTAG, 1988, p. 59).

A importância da promoção da saúde sexual na comunidade LGBT é fundamental para prevenção de IST's e também da sorofobia. É responsabilidade de uma House (Casa) ser atuante neste campo: se por um lado a dança é um instrumento de empoderamento e auto-afirmação, com valorização da própria imagem, por outro lado, o cuidado de si - físico e afetivo, se faz presente em suas múltiplas performatividades dentro de uma Ball. Deste modo, priorizamos pautar também o protagonismo das pessoas negras, trans, travestis, e não-binárias. Esta é a base para a construção da Picadeira Kiki Ball, que, como já mencionado, será produzida pela Casa de Lanceira na Lomba do Pinheiro, bairro periférico de Porto Alegre, em dezembro de 2019. A seguir, a imagem da arte do evento.

¹⁹ Padre e Cantor famoso que fez muito sucesso nos anos noventa e era muito respeitado pelos telespectadores na televisão brasileira.



Arte gráfica Passarinho e Fada Cremosa.

Em se tratando da realidade descrita, uma das formas de combater essas invisibilidades é garantir este protagonismo em todos os momentos e âmbitos que perpassam estas cenas. O júri da Picadeira Kiki Ball será formado por: Gloria Crystal, Mother Mari Basiquinha Lanceira e Father Munni Kaliça. O objetivo de formar um júri totalmente negro, indígena e latino pretende encontrar reflexo em um público periférico, como aquele que originou a cultura Ballroom no Harlem dos anos 70. Ainda, haverá participação da Dj Latifa, com mestra de cerimônia Sasha La'Crey e Marco Father Lanceira. A chant será a Lucas Carvalho Harpya, respeitando a orientação política e estratégica das concepções do Quilombismo como movimento ancestral. O autor de História do Negro Brasileiro (1992), Clóvis Moura afirma que "*o quilombo aparece, assim, como módulo de resistência mais representativo (quer pela sua quantidade, quer pela sua continuidade histórica) que existiu*" (p. 23), e segue resumindo sobre a prática da Quilombagem:

Por esses motivos é um movimento abrangente e radical. Neles se incluem não apenas negros fugitivos, mas também índios perseguidos, mulatos, curibocas, pessoas perseguidas pela polícia em geral,

bandoleiros, devedores do fisco, fugitivos do serviço militar, mulheres sem profissão, brancos pobres e prostitutas. Era um cadinho de perseguidos pelo sistema colonial. Era no quilombo ou nas demais manifestações da quilombagem que essa população marginalizada se recompunha socialmente (MOURA,



1992, p. 23).

Na foto, Gloria Crystal, Father Muni Caliça e Mother Mari Basiquinha Lanceira. Registro de Lau Baldo



Na foto, Grand Mother Sasha La'Crey. Registro de Lau Baldo



Na fotoDj Latifa Harpya. Registro de Lau Baldo.

O corpo transeunte é como se fosse um lugar onde as coisas se encontram: a conexão quilombo house ballroom; a corporeidade ancestral da cultura negra; a performathividade como resistência e o elo ancestral. Concluo esse trabalho apresentando recursos que atendem as necessidades da comunidade periférica, imbuído da força e pertencimento que minha Família Lanceira me trouxe para executar e criar novas redes, ramificações inspiradas na realidade da prática da quilombagem. Isso é que o realmente chamo de magia negra!

Como Licenciado em Dança essas histórias comporão novos referenciais para outras pessoas e para o campo da Dança, em minha atuação artística e docente. Como artista, sinto-me na obrigação de permitir que meu fazer artístico não seja somente para o entretenimento do público, e sim, que venha como reflexão da atuação social da comunidade que estou inserido e que represento. Como professor reencontro meu lugar de facilitador lúdico para as composições que, por inúmeras vezes, são permeadas pela improvisação, pelo caráter de jogo e trocas. Acredito que isso favorece meus filhos em suas futuras performances, seja numa ball, num palco qualquer ou na rua.

REFERÊNCIAS

LAFFOND, Jorge. **Bofes & Babados**. Rio de Janeiro: Star Brazil/CC&P, 1999.

MARTINS, Leda. Performance da Oralitura: Corpo lugar da memória. **Língua e Literatura: Limites e Fronteiras**. Santa Maria, n.26, p. 63-81, jun. 2003. Disponível em < <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308> >. Acesso em: 07 nov. 2019.

MOURA, Clóvis. **História do Negro no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade** – ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. Tradução de Deborah Weinberg. 2.ed. São Paulo: **Odysseus** Editora, 2007.

STONG, Susan. **AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Documentário:

Paris is burning. Diretor/ Produtor: Jennie Livingston, 1990.

Acesso em <https://www.bhvoguefever.com/inscricoes>, 10 de dez. 2019.